

Afetos em emergência: a vida como uma contínua sala de espera

Sandra Nunes Caseiro^[1]

RESUMO: O texto aborda a condição emocional que alcançamos quando estamos nas “múltiplas salas de espera da vida”. O tempo cronológico flui num único sentido, e o indivíduo, ao deparar-se com o que chegou ao fim, com o que não é ou com impossibilidades, necessita de trabalho interno para tolerar esses eventos: luto (Freud, 1916/1976, 1920/2006) e capacidade para amar (Bion, 1992/2000). Clinicamente, podemos pressupor a condição emocional do analisando num dado instante, observando a qualidade alcançada das representações de suas experiências emocionais (Bion, 1965/2004). Outro elemento que pode ser conjecturado é a forma como o indivíduo vivencia o tempo nas diferentes qualidades de transformações (Caseiro, 2019, 2022; Chuster, 2018a, 2018b, 2021). A autora apresenta vinhetas clínicas procurando demonstrar essas questões.

PALAVRAS-CHAVE: tempo, experiência emocional, luto, capacidade para amar, ato de fé

1. Psicóloga. Mestre em psicologia clínica. Membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

Diante do tempo que flui externamente num único sentido, neste texto se busca abordar a *condição* que alcançamos quando estamos nas múltiplas “salas de espera” da vida.

Como modelo de diferentes qualidades de *condição*, apresento o mito do povo de Israel diante do mar Vermelho (Bonder, 1998):

Quatro acampamentos do povo de Israel, que almejavam fugir do Egito, se deparam com o mar. Cada um, ciente de que seria alcançado pelo maior exército daqueles tempos, adota um comportamento diferente diante desse futuro ameaçador. O primeiro quer voltar e se entregar, o segundo quer lutar, o terceiro quer se jogar ao mar, e o quarto se mobiliza em oração. Moisés transmite a seu povo as palavras que recebeu de Deus: “Não temais, ficai e vede a salvação do Eterno; porque os egípcios que vedes hoje não volvereis a vê-los nunca mais; o Eterno lutará por vós e vós vos calareis”; aos que queriam se jogar ao mar: “não temais, ficai”; aos que desejavam voltar: “não volvereis a vê-los nunca mais”; aos que se propunham a lutar: “o Eterno lutará por vós”; aos que oravam: “vós vos calareis”. Qual era o caminho então? Deus responde a Moisés: “Diga a Israel que marche”. Para onde, se estavam diante do mar? Um homem, que não sabia nadar, adentrou nas águas. Somente quando estava com a água no nível do nariz, o mar se abriu, e o povo fez a travessia. Aí está o “Marchem”! No transcorrer do tempo, o futuro vazio se transforma em solo para os pés.

O tempo

O conceito de tempo na mente humana inicia sua jornada por meio da percepção dos ritmos naturais: o dia, a noite, o calor, o frio. A reincidência desses fenômenos, podemos imaginar, levou os primeiros humanos a sentirem a pergunta: haverá mais uma vez? Os ritmos descortinaram o tempo: o passado, o presente e o futuro. Este, o futuro, veio acompanhado do desejo, infiltrado pelas memórias das experiências passadas.

Bion (1965/2004) propõe uma metáfora: supormos observar um trecho de uma ferrovia, duas linhas paralelas que, para nossos olhos, se encontram num ponto no horizonte. Ao nos dirigirmos para esse ponto, constatamos que os trilhos não se encontram. Mas, ao olharmos para trás, ele estará em nossa retaguarda. Onde fica esse ponto? Com essa pergunta, Bion procura notificar a distância entre a realidade inacessível (a *coisa-em-si*) e a representação dessa realidade que nosso aparelho, para pensar, alcança mediante nossa intuição e imaginação.

Uma outra questão implícita na metáfora é o tempo. Em alguns textos de Freud, traduzidos do inglês para o português, falta de mobilidade da libido por vezes é referida pela palavra “fixação”. Em alemão, Freud utilizou o verbo *setz*, que significa sentar-se. Nas traduções do alemão para o inglês, foi utilizada a palavra *cathexis*, que vem do latim e significa “cadeira” (“cátedra”). Estar sentado é uma escolha, e pode-se

escolher levantar-se (A. Chuster, comunicação em reunião,^[2] outubro de 2023). Não encontrando o ponto onde os trilhos se encontram no *agora*, sentamo-nos no ponto em nossa retaguarda ou buscamos um ponto no futuro?

Como se insere o tempo na teoria psicanalítica?

Um pequeno e breve recorte dessa questão

Inicialmente Freud elaborou um inconsciente povoado por lembranças de acontecimentos traumáticos passados reais, cujo afeto correspondente, por não terem sido descarregados adequadamente, “escapava através de vias não naturais”: o sintoma. Aos poucos, Freud postulou a possibilidade de não se tratar de fatos traumáticos reais, mas de desejos e fantasias sexuais infantis do próprio paciente que, por se contraporem às premissas da consciência e da moral do indivíduo, eram, então, recalçados. O psicanalista buscava trazer à consciência, no primeiro momento, os elementos faltantes, recordações, para posteriormente decifrar os símbolos e chegar até os desejos e as fantasias infantis. A apreensão do inconsciente, tido como atemporal, focava o passado e o presente, a captura da repetição de protótipos infantis por meio de derivados do inconsciente recalçado. Com maior experiência clínica, Freud formulou um inconsciente mais amplo que o recalçado, fonte ininterrupta de pulsões, elaborando, então, a segunda tópica. Além do trabalho de decifrar sintomas e construir hipóteses para as lacunas existentes na consciência do paciente, o psicanalista focaria também o fortalecimento do Ego para suportar turbulências futuras. De certa forma, no trabalho do psicanalista o futuro se insere próximo da ideia de profilaxia para futuras intensidades de conflitos entre pulsão de vida e pulsão de morte, entendidas como forças biológicas.

Klein apresenta a elaboração de um Ego incipiente e ativo nos primórdios da vida do bebê e formula um “teatro interno” no qual o indivíduo vivencia e lida com o conflito entre instinto de vida e instinto de morte desde seus primeiros dias. Para o grupo kleiniano, toda a atividade mental ocorre com base em relações fantasiadas com objetos: a *phantasia* inconsciente é concebida como eixo básico de construção do psiquismo, começando pelas sensações corporais e alcançando o simbólico, estando a pulsão no limiar entre o corporal e o psíquico. No trabalho do psicanalista, o tempo presente ganha grande relevância, pois procura apreender o que se passa “aqui e agora”, sem, necessariamente, estabelecer uma relação com um passado, mas com as *phantasias*.

Bion (1963/2004), ao elaborar o conceito de pré-concepção, introduz o tempo futuro no inconsciente: “um estado de expectativa. Um estado de mente adaptado para receber uma gama restrita de fenômenos” (p. 38). Chuster (2018a) complementa essa definição com uma segunda parte: uma expectativa vaga de, no futuro, encontrar um objeto que satisfará todas as necessidades. Uma prontidão para buscar. Com essas definições, o movimento mental é dirigido ao futuro incerto, assim como o trabalho do psicanalista (Chuster, 2018b, 2021).

2. Grupo de Estudos Ateliê de Psicanálise, Ribeirão Preto/SP.

Buscar inerentemente está dentro de um tempo, dois tempos. Um é o cronológico, que independe de nós, é considerado uniforme e sabemos cronometrar. O outro tempo é o tempo experimentado, que de precisão só carrega a *necessidade de*.³

Um relato de observação mãe-bebê

Algumas horas depois do parto, Luiza oferece o seio a Débora pela primeira vez. Débora envolve vigorosamente o seio com seus lábios e o suga até adormecer.

Sétima semana: Luiza está ausente. Débora encontra-se em seu berço, arregala os olhos e chora estendendo e flexionando braços e pernas. Ao flexionar seus braços, suas mãos agarravam seu nariz e bochechas, marcando-os de vermelho. Uma tia a pega no colo. Débora faz uma pausa em seu choro. Uma outra tia oferece uma chuquinha de chá. Ela engole parte do líquido e coloca para fora outra parte. Apesar de todos os esforços das tias, Débora chora e torna-se mais agitada. Quarenta minutos depois a mãe, Luiza, chega e fala com alguém na sala. Débora imediatamente movimenta os olhos como que procurando a voz. Cessa o choro. Agita braços e pernas de forma diferente, como que excitada. Luiza entra no quarto e pega Débora no colo. Débora afunda o rosto no seio da mãe ao mesmo tempo que Luiza funga em sua cabecinha, como que cheirando e reconhecendo sua cria. Oferece o peito. Débora suga com força olhando fixamente para o rosto da mãe.

Buscar

Buscar está dentro de um tempo de espera: o que se espera? Como se espera? Podemos pensar em algum elemento fundamental para *esperar bem*?

Bion (1965/2004) assinala o ponto zero de um eixo horizontal como o instante do acontecimento de uma experiência emocional, o instante do contato com O, e vai distanciando-se espacialmente desse ponto, procurando retratar a qualidade da transformação que fazemos desse contato, a qualidade da representação da experiência emocional: TO, TK, TMR, TP, TA.

Chuster (2018a, 2018b) mostra que, além do espaço, a temporalidade é outro elemento a ser considerado nos diferentes tipos de *transformação*, elemento do qual o psicanalista se aproxima por intermédio de sua experiência emocional e de suas conjecturas sobre as vivências de seu analisando. Nas transformações em K, a vivência é de um tempo linear, é um instante referencial: instaura um antes e um depois do que foi experimentado. Nas transformações em moção rígida, a vivência é de um tempo circular, algo que sempre retorna do mesmo jeito. Nas transformações projetivas, a experiência é de um tempo oscilatório, a vivência é de algo que parece aparecer e desaparecer. Nas transformações em alucinação, a vivência é de um tempo misturado, o passado se embaraça com o presente, que se embaraça com o futuro.

3. Para ilustrar estas ideias, recomendo a obra *A persistência da memória*, de Salvador Dalí (1931), disponível em: <https://bit.ly/4bjiNy2>

Uma vinheta na qual penso preponderarem as transformações projetivas e transformações em alucinose

Pedro entra, joga a mochila, o celular e a chave do carro no divã. Deita-se no espaço que sobrou do divã, e metade de uma perna fica fora. Chacoalha a perna o tempo todo. Permanece em silêncio.

S: Não está cabendo.

P: Eu tô tão estressado que não tô me aguentando. A Helena (namorada) viajou e ela disse que ia fazer compras com as amigas...

Ele me conta uma longa história sobre a namorada, uma viagem que ela fez... ela mentiu sobre o lugar a que foi... o dia da volta da viagem... um telefonema que ela não atendeu...

S: E isso tudo fez você ficar cheio de ódio. Está sentindo muito ódio.

P: É. Ela foi viajar no sábado com o pai dela. O pai dela ia ficar na cidade X, e ela me falou que iria fazer compras com umas amigas... Ela acha que eu sou idiota? . . . Você não acha que o primeiro lugar para onde ela tinha que ir era ir me ver? . . . E o pai dela, você não acha que ele não atendeu o telefone porque era eu que estava ligando? Ah! Mas eu acho que ela me traiu, por isso que ela está tão diferente. E o pai dela é cúmplice dela.

Não consigo acompanhar ou entender o relato. Suas falas eram misturadas, e eu não encontrava um fluxo coerente em sua narrativa. O caminho de acesso à experiência emocional do momento estava fora das palavras, estava primordialmente na emoção presente: ódio.

Nessa vinheta, minhas falas não tinham o intuito de comunicar algo pelo texto, mas pelo tom de voz, pelo ritmo, pela melodia: oferecer *rêverie* ao analisando, conforme a conceituação de Bion (1962/2021).

Um quinto tempo

Podemos conjecturar um quinto tempo, o das transformações em O, um tempo numa espiral ascendente que muda de um quase círculo para o seguinte acima não ritmicamente, mas num salto. Um tempo em espiral que num determinado átimo é estar “at-one-ment a O”; um instante infinito por se abster de memória, desejo e necessidade de compreensão imediata, no qual ocorre uma conjunção entre passado e presente, propiciando que esse contato desperte a mente para o futuro, para os múltiplos vértices de uma experiência, para o novo e o criativo (Caseiro, 2019, 2022; Chuster, 2021). *Momentânea-mente* alcançamos o ponto do horizonte onde os trilhos da ferrovia parecem se encontrar. Ou se encontram?

Uma vinheta que penso mostrar um instante de transformação em O

Clara, uma mulher de 56 anos, falava sobre o quanto sua mãe a vigiava e cerceava, ao mesmo tempo que percebia ser incapaz de tomar qualquer decisão sem ouvir a opinião dela. Sua mãe, atualmente uma senhora idosa, fora campeã de nataçã

adolescência até o nascimento dos filhos. Ouvindo Clara, visualizei uma garotinha que queria conquistar autonomia, mas com o contrassenso de necessitar da autorização da “mãe campeã” para isso. Imaginei que talvez ela se sentisse de forma muito parecida ali comigo, e temerosa de que nosso trabalho a levasse a pensar como eu pensava. Pensei: mas de que garotinha estou “falando”? Então, perguntei-lhe: “ela ainda é campeã de natação?”. Minha pergunta nasceu de uma sentida intenção, quase consciente, de mostrar numa imagem que o tempo havia passado: que Clara havia constituído uma família, tinha sua profissão... Enfim, que trilhou seus próprios caminhos e não percebeu. Clara sentiu-se embaraçada com minha pergunta e questionou: “como assim?”.

Posso conjecturar que minha pergunta arrancou Clara de uma falsa versão de si e a fez cair num *infinito escuro e amorfo*. É o instante em que a Esfinge propõe o enigma a Édipo. Não um enigma sobre ela ou sobre o mundo, mas sobre ele: quem é você? De onde você veio? Para onde você vai?^[4]

O tempo futuro

Bion (1992/2000) comenta que existem certas qualidades da personalidade que são importantes na determinação da natureza de uma pessoa e de seu comportamento. Essas qualidades, do analisando e do analista, estão, obviamente, presentes na sessão de análise e no potencial de desenvolvimento do trabalho. A qualidade que Bion enfatiza é a *capacidade para amar*. Como poderíamos pensar *capacidade para amar*?

Uma pré-concepção busca uma realização. Esta, acontecendo, sempre tem uma parte de realização positiva (que coincide com a pré-concepção) e uma parte de realização negativa (diferente da pré-concepção). Sempre existe uma distância entre o que se busca e o que se encontra, um *gap*. O que se faz diante desse *gap*? Senta-se nele e lamenta-se o que não é? Cria-se uma ficção de que esse *gap* não existe?

Buscar numa direção mais favorável implica intuição e imaginação operantes. Estas dependem da proximidade que o indivíduo alcança em relação a si. A própria concepção que o indivíduo tem de si vem de uma realização que também tem um *gap*. O indivíduo se transforma, torna-se ele mesmo, a cada experiência de estar “*at-one-ment a O*”. Somos um rascunho contínuo.^[5]

Bion mostra a importância de uma concepção guardar o valor de uma pré-concepção. Uma parte que fica para se completar, o *gap*, cabendo ali o que pudermos apreender das experiências vindouras.

A segunda parte da definição de pré-concepção ganha grande relevância aqui: *uma expectativa vaga de no futuro encontrar um objeto que satisfaça todas as necessidades*. Buscamos um objeto que não existe? Essa pergunta pode ser respondida? É a falta que nos movimenta. Freud notificou esse movimento:

4. Para ilustrar estas ideias, recomendo a obra *Édipo o viajante ou igualdade perante a morte*, de Gustave Moreau (1888), disponível em: <https://bit.ly/3zf57qB>

5. Para ilustrar estas ideias, recomendo a obra *Drawing hands*, de M. C. Escher (1948), disponível em: <https://bit.ly/4eABnV0>

É da diferença entre o prazer efetivo obtido pela satisfação e o prazer esperado que surge o fator impelente que não permite ao organismo estacionar em nenhuma das situações estabelecidas, mas ao contrário, nas palavras do poeta, “indomado, sempre impele para adiante”. (Mefistófeles em *Fausto*, ato I, cena 4, citado por Freud, 1920/2006, p. 165)

Freud (1916/1976) havia sinalizado a ausência desse movimento: a incapacidade para amar diante da realidade de que tudo é transitório.

Penso que a *capacidade para amar* está relacionada com *ato de fé*, mas num sentido mais amplo do que sugere Bion (1970/2006, p. 140). Além de um estado mental no instante de formular uma interpretação ou de um estado da mente do cientista, conjecturo um estado mental perante a vida. Bion mostra como imanente da *capacidade para amar* a capacidade de *tolerância à frustração* e, por outros vértices, a *capacidade negativa*, a *paciência*. É vontade^[6] de descobrir ou criar o que ainda não existe, vontade de ir mais alto. Para que assim seja, ao mesmo tempo é *levantar-se do que não é*, ou do que não é mais, é enlutar-se, é sustentar que o *gap* existe. O *gap* é o único *eterno* em nossas vidas.

Como diz Mia Couto (citado por Couto, 2023): “a realidade pode ser a primeira grande prisão, se assumirmos que existe somente uma realidade” (parág. 16).^[7]

Los afectos que emergen: la vida como una continua sala de espera

Resumen: El presente texto aborda la condición emocional que logramos cuando nos encontramos en las “múltiples salas de espera de la vida”. El tiempo cronológico fluye en una única dirección, y el individuo cuando se enfrenta con lo que ha llegado al final, con lo que no es o lo que presenta imposibilidades, entonces necesita hacer un trabajo interno para tolerar a estos eventos: duelo (Freud, 1916/1976, 1920/2006) y la capacidad de amar (Bion, 1992/2000). En términos clínicos podemos presuponer la condición emocional del analizante en un determinado momento, observando la cualidad lograda de las representaciones de sus experiencias emocionales (Bion, 1965/2004). Sin embargo, otro elemento que puede ser conjeturado es la manera como el individuo vivencia el tiempo en las distintas cualidades de transformaciones (Caseiro, 2019, 2022; Chuster, 2018a, 2018b, 2021). Por último, la autora presenta viñetas clínicas con la intención de demostrar estas cuestiones mencionadas.

Palabras clave: tiempo, experiencia emocional, duelo, capacidad de amar, acto de fe

6. O termo “vontade” aqui se aproxima dos conceitos “vontade de poder” e/ou “vontade de potência” de Nietzsche.

7. Para ilustrar estas ideias, recomendo a obra *Arboreal office*, de Roberto Gonsalves (2014), disponível em: <https://bit.ly/4eEbiVo>

Emerging emotions: life as a continuous waiting room

Abstract: The text addresses the emotional condition we reach when we are in the “multiple waiting rooms of life”. Chronological time flows in a single direction, and when individuals face endings, non-existence, or impossibilities, they require internal work to tolerate these events: mourning (Freud, 1916/1976, 1920/2006) and the capacity to love (Bion, 1992/2000). Clinically, we can infer the emotional condition of the analysand at a given moment by observing the quality achieved in the representations of their emotional experiences (Bion, 1965/2004). Another element that can be conjectured is how individuals experience time in different qualities of transformations (Caseiro, 2019, 2022; Chuster, 2018a, 2018b, 2021). The author presents clinical vignettes to demonstrate these issues.

Keywords: time, emotional experience, mourning, capacity to love, act of faith

Referências

- Bion, W. R. (2000). *Cogitações* (E. H. Sandler e P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de psicanálise* (J. Salomão, Trad.; E. H. Sandler & P. C. Sandler, Revs. Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação* (P. C. Sandler, Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (2021). *Aprender da experiência* (E. H. Sandler, Trad.). Blucher. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bonder, N. (1998). *A alma imoral: traição e tradição através dos tempos*. Rocco.
- Caseiro, S. L. N. (2019). Do inefável, um instante: algumas reflexões sobre as sessões de psicanálise apoiadas nas elaborações de W. R. Bion. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 53(3), 151-166. <https://bit.ly/4ct1QIX>
- Caseiro, S. L. N. (2022). At-one-ment e tornar-se: um instante cosmogônico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 56(3), 151-162.
- Chuster, A. (2018a). *Simetria e objeto psicanalítico: desafiando paradigmas com W. R. Bion*. Trio Studio.
- Chuster, A. (2018b). Sortilégio: a experiência entre o ser e o nada. *Bergasse 19*, 9(1), 36-51.
- Chuster, A. (2021). Considerações sobre o vínculo K: transitando entre presente passado e futuro. *Bergasse 19*, 11(1), 59-71. <https://bit.ly/4b42ANN>
- Couto, A. (2023, 12 de janeiro). “Somos fruto da pluralidade, e essa consciência deve ser passada às próximas gerações” – Mia Couto [Entrevista com Mia Couto]. *Revista Prosa, Verso e Arte*. <https://bit.ly/3WdanUs>
- Freud, S. (1976). Sobre a transitoriedade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 14. A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)* (J. Salomão, Trad.; pp. 343-348). Imago. (Trabalho original publicado em 1916)

Freud, S. (2006). Além do princípio do prazer. In *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. A. Hanns, Trad.; Vol. 2, pp. 123-198). Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

Sandra Nunes Caseiro

Endereço: Av. Coronel Fernando Ferreira Leite, 1520, sala 1015. Ribeirão Preto/SP.

CEP: 14026-020

Tel.: (16) 98185-4745

E-mail: sancaseiro@gmail.com